



TRILHANDO O CONHECIMENTO DE MUNDO: O PAPEL SOCIAL QUE O MUSEU DESEMPENHA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS ALUNOS

ISIS MOTA RODRIGUES DANTAS

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO: Trilhar o conhecimento de mundo a partir do estudo sobre patrimônio histórico-cultural é algo que exige reflexão educativa com nossa história e memória. Este artigo busca socializar o caminho interdisciplinar vivenciado por alunos e professores da rede pública de ensino e do conhecimento mantido nos museus em favor da preservação da história; das leituras que todos estabeleceram nestes contatos, a partir da contribuição de Vygotsky para a prática da educação em museus. Educação essa compreendida como mediação cultural, que propõe uma relação dialógica entre o mediador (professora/guia), a obra (patrimônio material, imaterial com os seus diversos valores e significados artísticos, científicos, históricos, simbólicos) e o público (alunos), tendo o patrimônio histórico-cultural como conhecimento a ser vivido por todos.

PALAVRAS CHAVES: Patrimônio histórico-cultural, conhecimento, prática educativa.

SUMMARY: Walking the knowledge of the world from the study of historical and cultural heritage is something that requires educational reflection with our history and memory. This article seeks to socialize the interdisciplinary path experienced by students and teachers of public schools and knowledge kept in museums in favor of the preservation of history; the readings that all established these contacts, from Vygotsky's contribution to the practice of education in museums. Education understood this as cultural mediation, which proposes a dialogical relationship between the mediator (teacher / guide), the work (material heritage, immaterial and its many artistic values and meanings, scientific, historical, symbolic) and the public (students) with the historic and cultural heritage as knowledge to be lived by all.

KEYWORDS: Historic and cultural heritage, knowledge, educational practice.

I. APRESENTAÇÃO

As práticas e opções teóricas metodológicas de toda equipe docente no cotidiano escolar sempre são colocadas no centro de discussões, pois, as mesmas, perpassam no desafio maior de encontrar meios que facilitem a formação dos (as) alunos (as) no processo de ensino e aprendizagem. Nesse interim, a proposta pedagógica “Trilhando o conhecimento de mundo: conhecendo nossas raízes”, evidencia uma prática política educativa por conceitos como apropriação democrática do espaço público, valorização das culturas locais, celebração das diferenças no âmbito da igualdade, socialização do saber como promoção de autonomia e de participação social.

Nossa intenção enquanto professores foi tornar compatível para os alunos da escola pública a possibilidade de leitura a partir dos valores e significados artísticos, científicos, históricos, simbólicos dos acervos disponíveis nos museus, além

de promover a busca das identidades individuais e coletivas, constituindo-se em espaço de expressão e reconhecimento da diversidade brasileira por meio de resgate, preservação e disseminação da história e da memória histórica e geográfica quanto a formação do estado de Sergipe.

O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita ao sujeito apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e da alteridade. Nesta perspectiva, o museu, passa a ser um local de trocas e vivências, pois o acesso aos bens culturais é um direito de todas as pessoas e por meio desse conhecimento é possível ampliar os olhares e saberes que permitem uma melhor compreensão de si mesmos, do ambiente e do patrimônio cultural, social e histórica sob muitos aspectos.

Ir aos museus e exposições não é simplesmente um ato "ilustrativo" do conteúdo dado em sala de aula. Museus são locais com grande potencial educativo, onde é possível ter contato com obras de arte originais, além de uma verdadeira noção do que é patrimônio histórico-cultural. E dessa forma, garantir o acesso às fontes de culturas.

Nesta perspectiva, adotamos desde o início desta prática pedagógica a metodologia interdisciplinar que reconhece na busca de interconexões disciplinares, um conhecimento contextualizado, favorecendo a compreensão e resolução de problemas reais na sua complexidade e contexto social concreto (PIERSON & VILLANI, 1999), permitindo desenvolver competências, como perceber diferenças e singularidades.

Mas não podemos esquecer que o ensino interdisciplinar carrega consigo a divisão disciplinar que tem uma história cuja construção se dá para além de seus limites, uma história que envolve aspectos relacionados à sociologia das ciências, a sociologia do próprio conhecimento, de aspectos internos e externos a ela. Entretanto, se não podemos, por um lado, questionar a fecundidade de tal divisão, por outro, não podemos ignorar o risco atual da hiperespecialização do pesquisador e coisificação do seu objeto de estudo. Como nos coloca Edgar Morin,

A fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios isolam a disciplina das outras e dos problemas que a recobrem. O espírito hiperdisciplinar se sujeita, neste caso, a se formar, como um espírito de proprietário que impede toda a circulação estranha na sua parcela do saber (MORIN, 1999, 67).

O que buscamos numa perspectiva de abordagem interdisciplinar é estabelecer, ou recuperar, as ligações e solidariedades entre os objetos das diferentes disciplinas, buscando assim não negligenciar as ligações e solidariedades destes objetos com o universo do qual ele faz parte e deve ser objeto de estudo nas turmas de ensino fundamental maior.

Normalmente, "o que ensinar" parece não trazer nenhum questionamento, o conteúdo é entendido como pré-definido, já relacionado nos livros e justificado pela tradição, entendem ser apenas o "como ensinar" objeto de aprendizagem.

Ao propormos aos alunos um trabalho numa perspectiva interdisciplinar, com facilidade aceitam o desafio, ainda que de forma pouco pensada, normalmente levada pelo discurso atual em defesa desta forma de abordagem.

O desenvolvimento de uma proposta de ensino interdisciplinar, de imediato, não coloca em perigo seus conhecimentos disciplinares e eles o aceitam como um trabalho de justaposição de recursos de diferentes disciplinas sem implicar, necessariamente, num trabalho de equipe coordenado. Numa perspectiva mais multidisciplinar procuram objetos que possam ser vistos sobre diferentes ângulos do objeto a ser estudado.

A perspectiva de colaboração, de estabelecimento de um clima propício às trocas e complementações de saberes, se é percebida, só o é bem mais tarde, quando se consegue estabelecer situações que favoreçam um efetivo envolvimento entre os componentes do grupo e destes com o desafio de repensarem o "o que ensinar" intrinsecamente relacionado ao "como ensinar". A interdisciplinaridade, neste momento, deixa de ser vista como unicamente uma metodologia de ensino para explicitar uma nova percepção do ensino.

O desafio para nós recai principalmente no como estabelecer um clima favorável ao desenvolvimento de um trabalho efetivo em grupo, onde os conhecimentos se relacionem de forma solidária, os conteúdos pré-estabelecidos sejam reavaliados e os alunos ganhem novos significados, razão de ser de toda prática educativa.

II. PREPARANDO O OLHAR DOS ALUNOS: O QUE VER NO MUSEU

Os museus são espaços provocadores de sonhos, como romantizou Benjamin, eles são ambientes de devaneios e fantasias. Entrar em um espaço expositivo pode inserir o sujeito em outro mundo, abrindo possibilidades e desconstruindo paradigmas.

Quanto a sua função social, o museu “(...) tem um papel cultural importante, além de abrigar os registros do tempo, é um veículo a serviço do conhecimento e da informação que contribui para o desenvolvimento da sociedade”, conforme Almandrade (2007, s/p).

O trabalho do museu é um serviço para a coletividade, e por isso exige padrões mais elevados de prática profissional. Tanto na abordagem com o público, como no relacionamento interpessoal entre os funcionários e gestores do museu é impreterível reconhecer que há um código de ética profissional. Ainda que espaços de encontros, os museus também são desencadeadores de ausências. De certa maneira, os museus nos angustiam e, mesmo assim, abrigam o relicário de nossa humanidade e memórias que nos registram. É preciso abandonar a ingenuidade para entrar em contato com estes objetos, é necessário que haja uma apropriação deles. Devem-se aceitar os museus como campos de tensão. “Tensão cíclica, entre mudança e permanência, entre o perene e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência” (CHAGAS; NASCIMENTO, 2008, p. 65).

Os espaços expositivos e as escolas podem se aproximar ao incluir a educação dos sentidos entre as suas finalidades educativas. A leitura de obras de arte, assim como das diferentes produções, expressões e referências que constituem o patrimônio cultural onde vivemos ou daqueles que acessamos por meio midiáticos e eletrônicos, depende não só do desenvolvimento de nossas capacidades intelectuais e cognitivas, mas igualmente do desenvolvimento da capacidade perceptiva por meio dos nossos sentidos.

Essa necessidade cultural valoriza a questão central deste trabalho, visto que esta pode ser sanada com as ações educativas realizadas nestes espaços expositivos. Compreende-se que essa lacuna provocada pela falta de instrução e colocada por Bourdieu como necessidade cultural é a evidência da falta do *habitus culto* e que não permite o leigo reconhecer o valor daquele objeto colocado naquele contexto específico. Conforme o autor da pesquisa (2007, p. 71) “A obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, de decifrá-la”.

Assim, só entende o valor simbólico agregado ao objeto artístico quem se sente familiarizado com aquele bem cultural. O ser humano é perceptivelmente avesso a se colocar diante daquilo que desconhece e é por isso que só frequenta museus e expositivos aqueles que se aproximam da temática. Só aquele que arrisca conhecer um novo campo dedicará a ele tempo o suficiente para que aconteça uma compreensão deste.

O tempo dedicado pelo visitante à contemplação das obras apresentadas, ou seja, o tempo de que tem necessidade para ‘esgotar’ as significações que lhe são propostas, constitui, sem dúvida, um bom indicador de sua aptidão em decifrar e saborear tais significações: a inexauribilidade da ‘mensagem’ faz com que a riqueza da ‘recepção’ (avaliada, grosseiramente, por sua duração) dependa, antes de tudo, da competência do ‘receptor’, ou seja, do grau de seu controle relativamente ao código da ‘mensagem’. (BOURDIEU, 2007, p. 71).

Desta forma, o tempo de interlocução entre público e obra depende da capacidade receptora que esse espectador terá para com a obra de arte. O tempo é dimensionado pela amplitude do repertório de interpretações que ele pode dar aquele objeto. O perfil traçado por Bourdieu como sendo do público habitualmente frequentador de museus é, portanto, da classe culta, com alto poder econômico e que é detentora de tempo e necessidade voltados para a cultura.

Antes da visita com os alunos em locais expositivos, o professor deve conhecer o local para que possa explorar toda potencialidade que a visita pode ter, e pensar numa preparação que estimule a visita. Durante a visita cabe ao professor verificar o que está chamando a atenção dos alunos durante a contemplação daquilo que está exposto deixando fluir o olhar e até mesmo quando possível, interagir.

As indagações e inquietações devem ser bem vindas para que os alunos possam fazer leituras sobre o que está exposto, aguçando o olhar. Para que a visita se torne significativa, o professor deve levar para a sala de aula após a visita, as interpretações, as curiosidades dos alunos para dar um aprofundamento no que foi visto durante a exposição. Assim, cultivar o gosto pela preservação e conservação do patrimônio cultural e para ter vontade de visitar outros espaços expositivos.

Nesta perspectiva, tivemos como objetivo maior oportunizar aos nossos alunos os seguintes objetivos:

- Propiciar visita aos espaços culturais;
- Estimular o hábito da visita a museus e instituições culturais;
- Contribuir para o resgate da história do município;
- Apresentar noções de patrimônio;
- Desenvolver princípios de educação patrimonial junto aos educandos;
- Desenvolver a noção de consciência histórica;
- Fomentar o senso crítico dos alunos;
- Contribuir para o exercício pleno da cidadania.

Sabemos o professor é sujeito reflexivo que em sua produção teórico-prática atuar como propositor, tal qual afirmou Lygia Clark (1983), “Nós somos os propositores: nós somos o molde. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos”. Vigorando o diálogo com alunos, com o sistema escolar, com a Arte como campo de conhecimento e com os espaços culturais, o professor torna-se sujeito propositor de suas ações e reflexivo de seu processo, concomitantemente.

Segundo ICOM (Conselho Internacional de Museus) a acepção de Museu é, uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe bens representativos da natureza e do homem. Um conceito mais recente: Uma instituição que tem a finalidade de desenvolver conhecimentos, de salvaguardar a memória e de promover a educação e a cultura dos cidadãos. Justamente propósito que buscamos vivenciar com nossos alunos neste projeto.

Lembramos ainda que o conhecimento acerca da preservação do patrimônio cultural deve estreitar relações entre “arte escolar” e “Arte” e romper com o ensino da arte como mera transmissão de técnicas ou como momento de lazer e livre expressão para privilegiar a contemplação, o pensamento, o questionamento, a reflexão e o diálogo. Diante disso, ressignificar a prática pedagógica convidando o aluno a atuar como produtor de sentido e gerador de mudanças em sua vida e em sua comunidade é fundamental.

Para que a visita se torne significativa, todos os professores envolvidos devem levar para a sala de aula após a visita, as interpretações, as curiosidades dos alunos para dar um aprofundamento no que foi visto durante a exposição. Assim, cultivar o gosto pela preservação e conservação do patrimônio cultural e para ter vontade de visitar outros espaços expositivos. Justamente esse será o próximo ponto a discutir.

III. NOSSA METODOLOGIA NO ANTES E APÓS VISITA: SISTEMATIZANDO O QUE VIMOS, PRESENCIAMOS E SENTIMOS.

O propósito foi após três meses de conteúdos trabalhados no “chão da escola” promover uma leituras dos conhecimentos e conceitos nas áreas de História, Geografia, Cultura Sergipana, Arte e Língua Portuguesa de forma efetivamente prática. Foi pensada a visita aos museus. Para tanto tivemos como ação alguns pontos abaixo para alicerçar nossa ida aos museus:

3.1. Encontro Fomentador Informações: com duração de 08 aulas divididas entre as disciplinas História, Geografia e Cultura Sergipana (cada encontro tem duração de 50 minutos). Em cada encontro de aula, os professores preveem a abordagem de temas relacionados a patrimônio cultural e educação, história do Museu da Gente Sergipana, Museu de São Cristóvão e sua relação com o município, e, por fim, elaboração de uma proposta de mediação feita pelos professores estabelecendo estratégias para visita.

3.2. Desenvolvimento de atividades: o professor em sala de aula que levem o aluno a conhecer a história da cidade de Aracaju e todo processo de sua transferência através do patrimônio, do museu e de seu acervo de São Cristóvão (4ª cidade mais antiga do Brasil).

3.3. Visitação dos alunos aos Museus: serão ao todo 08 horas de visita monitorada aos municípios de São Cristóvão e Aracaju. Neste dia faremos a Trilha histórico-geográfica com seguintes atividades:

- Visita ao município de São Cristóvão – Praça São Francisco
 - Museu Arte Sacra (agendamento)
 - Museu Polícia Militar (agendamento)
 - Museu do Estado (agendamento)
 - Casa da Cultura (agendamento)
- Visita ao município de Aracaju – Colina do Santo Antônio
 - Mercado Central
 - Ponte do Imperador
 - Praça Fausto Cardoso
 - Museu da Gente Sergipana (agendamento)

O público alvo foram os alunos do ensino fundamental maior (5º “B” e 6º ANO “A” e “B”), da Escola Municipal Nicola Mandarino - Povoado Nova Descoberta, no município de Itaporanga D’Ajuda/Sergipe.

Contamos com o envolvimento dos professores Eric Fernando Souza Barbosa (História); Maria Júlia Souza Aragão (Língua Portuguesa e Artes); Gilvane Araújo (Geografia/Cultura Sergipana) e da Especialista em Educação, a professora Isis Mota Rodrigues Dantas durante o período de

Sabemos que a finalidade educativa das visitas aos museus se expressa por meio do diálogo com outras ciências. Como afirma Scheiner (2004), a preservação do patrimônio cultural é importante para uma noção de pertencimento do indivíduo àquele lugar, pois esse bem cultural atua na memória e no imaginário coletivo. Dessa forma, preserva-se a história do município de São Cristóvão/Sergipe que foi transferida para a cidade de Aracaju/Sergipe e de onde chegaram os primeiros habitantes da nova capital é de suma importância para sabermos e valorizarmos nossa cultura.

Para o sucesso deste projeto seguimos o cronograma de ações abaixo

AÇÕES	DATAS
Divulgação do projeto	18/10/2014
Divisão dos grupos que irão desenvolver as atividades	20 a 31/10/2014
1ª Visita aos Museus em São Cristóvão e Aracaju/SE	26/11 (4ª F)
Levantamento de dados/ Elaboração dos banners	01/12/2014
Culminância do Projeto/ Apresentação dos banners	05/12/2014

Após as visitas foram divulgados os dados colhidos pelos alunos em seminários de turmas. Cada turma sistematizou seus dados e repassaram a Especialista em Educação que reorientou as produções das turmas e sistematizou na primeira publicação de um jornal-mural e a confecção do banner do projeto.

IV. CONCLUSÃO: O SENTIR E VIVENCIAR NO MUSEU

O trabalho visou contribuir para a reflexão sobre a preservação do patrimônio cultural e a prática de arte, o ensino da história e geografia em sala de aula, após visitas com alunos em espaços expositivos.

Somos responsáveis pelo patrimônio cultural e devemos cuidar, preservando para as gerações futuras. Se cada um fizer sua parte, preservando e não agredindo o patrimônio cultural, estaremos preservando a nossa cultura, nossa memória.

Mas para tanto, vemos que não basta apenas falar, dar aulas sem a vivência prática o sujeito/aluno jamais sentirá as

sensações e terá as percepções de sua leitura, além da possibilidade de poder posicionar entre outros que a história deve ser preservada e cuidada. Enfim, aguçar o olhar através da contemplação, da criação e do conhecimento buscando sensibilização para preservar conservar o patrimônio cultural.

A avaliação foi feita de forma processual, considerando o nível e a qualidade de envolvimento e participação dos educandos em todas as etapas do projeto. Enfatizamos também a questão que envolve o respeito e o interesse pela diversidade cultural ora apresentada, bem como resumo dos principais museus visitados para elaboração do banner.

Pensando assim, a comunicação entre a comunidade e os responsáveis pela preservação do patrimônio é prioritária. Com uma preocupação como esta, torna-se possível uma conscientização de todos para o crescimento patrimonial.

Trilhando nosso conhecimento de mundo a partir da educação como patrimônio torna-se, assim, um processo constante de ensino/aprendizagem onde o objetivo central é o Patrimônio. Nessa educação que vem enriquecer e fortalecer o conhecimento individual e coletivo de uma nação sobre sua cultura, memória e identidade.

Garantimos com a execução deste projeto a possibilidade dos alunos verem e sentirem como sua identidade foi construída e encontra-se em processo contínuo de construção. Retirada do sujeito, sua memória, sua história, que é o que o identifica e o valoriza no lugar e nele próprio, o lugar e o ser desqualificam-se, restando o desinteressante, o sem sabor, o lugar comum. Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, da mesma forma, cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos, parte de sua organização e meio de vida.

Embora os resultados variem com a qualidade do projeto e com nível de envolvimento dos alunos, melhora a qualidade da aprendizagem é a pretensão de qualquer educação que tem como foco o aluno. Professores relataram que superar a dicotomia entre conhecimento e pensamento, ajudando os alunos “saber” e “fazer”; cria comunicação positiva e relações cooperativas entre diferentes grupos de estudantes; atendendo às necessidades de aprendizagens.

Dessa forma, cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que conservam maior relação com o presente e passado, cujo desafio é lançado a todos nós por meio da educação Patrimonial. Afinal a experiência e consequente prática do trabalho com projetos torna o processo da aprendizagem mais natural. Pois sabemos que não é suficiente levar nossos alunos a atender um determinado padrão de cultura ou referência sem oportunizar a aprender algo novo.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96. In: *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, n. 248, de 23 de dez. de 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como Cultura. Editora Brasiliense, 2ª Ed. São Paulo – SP, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: Os museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre/RS: Zouk, 2007.

FREITAS, D. Mudança conceitual em sala de aula: Uma experiência em formação inicial de professores. *Tese de doutorado*. São Paulo, FEUSP, 1998.

MILITÃO DA SILVA, Jair. **Autonomia da Escola Pública**: a re-humanização da escola. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MORIN, E. Articular os saberes. In Alves & Garcia (Org.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

PEREIRA, Júnia Sales. **Escola e Museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, Superintendência de Museus, Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais, Cefor, 2007.

PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1999.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Imagens do Não Lugar**: Comunicação e os Novos Patrimônios. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, 2004.

Isis Mota Rodrigues Dantas

Notas:

Pedagoga. Professora Educação Básica da rede Estadual de Sergipe. Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Três Fronteiras (UNINTER).

E-mail: isis.dantas@aracaju.se.gov.br

Recebido em: 29/06/2015

Aprovado em: 29/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: